

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE
UNAT - BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS
FERNANDA NOGUEIRA RODRIGUES

EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA: A RELAÇÃO ENTRE ESTILOS PARENTAIS
E ANÁLISE TRANSACIONAL

EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA: A RELAÇÃO ENTRE ESTILOS PARENTAIS E ANÁLISE TRANSACIONAL

UBERLÂNDIA-MG

2011

FERNANDA NOGUEIRA RODRIGUES

EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA: A RELAÇÃO ENTRE ESTILOS PARENTAIS E ANÁLISE TRANSACIONAL

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre os estilos parentais e a educação para a autonomia. Para isso, foram analisados os dados de uma pesquisa realizada com pais e filhos de famílias de classe média e alta. Os resultados indicam que os pais com estilos parentais mais autoritários tendem a ter filhos com menor autonomia. Além disso, a análise transacional foi utilizada para compreender a dinâmica da relação entre pais e filhos.

Palavras-chave: Parentalidade, Estilos parentais.

ABSTRACT

This study investigates the relationship between parenting styles and education for autonomy. For this, data from a research conducted with parents and children of middle and upper class families were analyzed. The results indicate that parents with more authoritarian parenting styles tend to have children with less autonomy. Additionally, transactional analysis was used to understand the dynamics of the relationship between parents and children.

Keywords: Parentality, Parenting styles, Transactional analysis, Psychology, Children.

Artigo apresentado ao programa de Pós-graduação em Análise Transacional da UNAT – BRASIL – União Nacional dos Analistas Transacionais – em parceria com a FATEP – Faculdade de tecnologia Paulo Freire, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA: A RELAÇÃO ENTRE ESTILOS PARENTAIS E ANÁLISE TRANSACIONAL

EDUCACION FOR AUTONOMY: THE RELATIONSHIP BETWEEN PARENTING STYLES AND TRANSACTIONAL ANALYSIS

Fernanda Nogueira Rodrigues*

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire

UNAT-BRASIL – União Nacional de Analistas Transacionais do Brasil

RESUMO

Nas relações intrafamiliares, o estilo de parentalização representa uma forte influência na constituição social e na constituição da personalidade do indivíduo. Este estudo procurou analisar a relação entre a teoria dos estilos parentais e a teoria da personalidade segundo a Análise Transacional. Em seguida, apresentou-se uma possibilidade de aplicação de conceitos dessa perspectiva teórica por meio do uso de contratos na orientação de pais, na clínica infantil. O presente trabalho sugere uma possibilidade de intervenção para clínicos que trabalham com psicoterapia infantil e familiar.

Palavras-chave: Personalidade. Estilos parentais. Análise Transacional. Psicoterapia infantil.

ABSTRACT

In intra-family relationships, parenting styles represent a strong influence on the social constitution and the constitution of the individual's personality. This study sought to examine the relationship between the theory of parenting styles and personality theory according to Transactional Analysis. Then presented a possibility of applying theoretical concepts of this perspective through the use of contracts in the guidance of father in children's clinic. This study suggests a possibility of intervention for clinicians who work with child and family psychotherapy.

Keywords: Personality. Parenting styles. Transactional analysis. Psychotherapy for children.

* Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: fernanda.psicologia@hotmail.com.

Introdução

Diante de uma queixa na prática clínica infantil, procura-se aqui compreender quais podem ser os fatores que a desencadearam. A interferência das relações intrafamiliares é um dos fatores a serem analisados neste processo e será o foco do presente estudo.

No ambiente familiar, segundo Berne (1970), as crianças começam a criar convicções a seu próprio respeito e a respeito dos outros a sua volta, especialmente de seus pais. Steiner (1998) aponta que as crianças adotam padrões emocionais condizentes com essas percepções. Sendo assim, as relações intrafamiliares, ou seja, o processo de educação parental, representa uma forte influência na construção da personalidade do indivíduo.

Isso posto, a teoria de estilos parentais pode contribuir com essa análise, uma vez que uso desta teoria pode favorecer a orientação aos pais quanto às condutas mais assertivas para a promoção de um desenvolvimento psicológico saudável em seus filhos, bem como pode também possibilitar aos pais a identificação de seus pontos fortes e dos pontos que necessitam ser desenvolvidos ou aperfeiçoados.

Considerando-se que o uso de contratos terapêuticos é um dos princípios para a condução de qualquer processo de mudança em Análise Transacional, seja na clínica ou em outras áreas, o estabelecimento do contrato viabilizará aos pais um engajamento na busca de alcançar as condutas assertivas ante seus filhos. A teoria da personalidade, componente da Análise Transacional, complementa este trabalho, possibilitando a aplicação prática dos contratos por meio da indicação de quais Estados de Ego os pais necessitam desenvolver ou aperfeiçoar.

Assim sendo, o objetivo desse estudo foi estabelecer uma análise entre a teoria de estilos parentais e a teoria de personalidade em Análise Transacional, em seguida demonstrando a aplicabilidade destes conceitos, por meio do uso de contratos, na psicoterapia clínica infantil.

Estilos Parentais

O estilo parental refere-se ao padrão global de características da interação dos pais com os filhos em diversas situações, as quais geram um clima emocional (DARLING; STEINBERG, 1993).

Em uma pesquisa com pré-escolares, Baumrind (1966) identificou três estilos parentais: autoritativo, autoritário e permissivo. O modelo da autora foi revisto por Maccoby; Martin (1983) e compreendido a partir de duas dimensões: exigência e responsividade. A

exigência parental inclui todas as atitudes dos pais que buscam, de alguma forma, controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras. Já a responsividade refere-se àquelas atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos e que visam, através do apoio emocional e da bi-direcionalidade na comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da auto-afirmação das crianças (COSTA; TEIXEIRA; GOMES, 2000).

A partir dessas dimensões, o modelo permissivo foi desmembrado em dois estilos: indulgente e negligente. Sendo assim, os estilos parentais passam a ser identificados como autoritativo, autoritário, indulgente e negligente.

Os pais com estilo autoritativo apresentam um nível elevado de exigência e responsividade. Estabelecem regras consistentemente enfatizadas para seus filhos e monitoram a conduta destes, corrigindo atitudes negativas e gratificando atitudes positivas. A disciplina é imposta de forma indutiva e a comunicação entre pais e filhos é aberta, baseada no respeito mútuo. Apresentam também expectativas em relação ao comportamento dos filhos em termos de maturidade e responsabilidade. Além disso, são afetuosos na interação com eles, responsivos às suas necessidades e frequentemente solicitam a opinião destes quando conveniente, encorajando a tomada de decisões, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento de suas habilidades. Esse estilo está relacionado com competência social, assertividade e comportamento independente de crianças (BAUMRIND, 1966).

O estilo autoritário resulta da combinação de altos níveis de exigência e baixa responsividade. Pais autoritários são rígidos e autocráticos. Impõem altos níveis de exigência, estabelecendo regras restritas, independentemente de qualquer participação da criança. Tendem a enfatizar a obediência por meio do respeito à autoridade e à ordem. Pais com esse estilo frequentemente utilizam a punição como forma de controle do comportamento. Não valorizam o diálogo e a autonomia, reagindo com rejeição e baixa responsividade aos questionamentos e opiniões da criança (BAUMRIND, 1966).

O estilo indulgente resulta da combinação entre muita exigência e pouca responsividade. Pais indulgentes, em oposição aos autoritários, não estabelecem regras nem limites para a criança, estabelecendo poucas demandas de responsabilidade e maturidade. São excessivamente tolerantes, permitindo que a criança monitore seu próprio comportamento. São afetivos, comunicativos e receptivos com seus filhos, tendendo a satisfazer qualquer demanda que a criança apresente (BAUMRIND, 1966).

O estilo negligente resulta da combinação entre exigência e responsividade em baixos níveis. Pais negligentes não são nem afetivos nem exigentes. Demonstram pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança, não monitorando o comportamento destas. Tendem a manter seus filhos à distância, respondendo somente às suas necessidades básicas. Enquanto os pais indulgentes estão envolvidos com seus filhos, os pais negligentes estão frequentemente centrados em seus próprios interesses (GLASGOW et al 1997 apud CECCONELLO, 2003).

Teoria da personalidade segundo a Análise Transacional

Análise Transacional é uma teoria e método psicológico desenvolvida por Eric Berne no final da década de 1950. Esta foi definida por ele como um sistema de psicoterapia e uma teoria de ação social baseados na Análise de Transações (BERNE, 1970). Entende-se por Transações o estudo das relações, das trocas de estímulos e respostas que ocorrem entre as pessoas. A compreensão das Transações se tornou possível através da compreensão do funcionamento individual, ou seja, da estrutura de personalidade que foi descrita por Berne a partir do modelo de Estados de Ego.

Um Estado de Ego pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito e operacionalmente como um conjunto de padrões coerentes de comportamento; ou, ainda, do ponto de vista pragmático, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamento afins. (BERNE, 1961, p. 17).

Sendo assim, Estados do Ego são os três estados que constituem a personalidade humana – Pai, Adulto e Criança –, os quais são conjuntos de comportamentos, pensamentos e sentimentos relacionados que se manifestam a cada situação (JOINES; STEWART, 2000). A análise dos Estados de Ego pode ser estrutural ou funcional. Neste trabalho será usada a análise funcional.

No Estado do Ego Pai, o indivíduo pensa, sente e se comporta como um dos seus pais ou substitutos faziam quando ele ou ela era criança. Esse Estado do Ego é ativo na educação dos próprios filhos. O Estado de Ego Pai possui duas funções: quando executa a função controladora, proibitiva e educativa, é denominado Pai Crítico; quando executa a função nutritiva, afetiva, protetora, atendendo as necessidades básicas da criança, é denominado Pai Protetor.

O Estado de Ego Adulto possui uma única função, que é a de ser responsável pela adequada avaliação da realidade. A pessoa analisa seu meio ambiente objetivamente, calculando suas possibilidades e probabilidades com base em experiências passadas (BERNE, 1970).

O Estado de Ego Criança é arcaico, constituído de vestígios da infância, relíquias arqueopsíquicas, de acordo com Berne (1970). Neste Estado de Ego, o indivíduo pensa, sente e se comporta de modo semelhante ao que fazia quando era criança. O funcionamento do Estado de Ego Criança é dividido em Criança Livre e Criança Adaptada (BERNE, 1961, 1970). Na Criança Livre, somos autônomos, livres de regras parentais. Na Criança Adaptada, reencenamos padrões de submissão ou rebeldia frente a regras necessárias para a convivência social.

No modelo funcional, os comportamentos dos Estados do Ego podem ser classificados como positivos e negativos (JOINES; STEWART, 2000; KERTÉSZ, 1985). Quando estes comportamentos são produtivos e promovem crescimento pessoal, são classificados como positivos. Quando são improdutivos e desagradáveis para o convívio social, são classificados como negativos (JOINES; STEWART, 2000).

Contrato Terapêutico

Um contrato de mudança, de acordo com a Análise Transacional, pode ser definido como uma declaração feita pelo Estado do Ego Adulto do cliente (GOULDING; GOULDING, 1971) sobre o que ele pretende alcançar com a terapia, responsabilizando-se por isso, e, de outra parte, também uma declaração feita pelo Adulto do terapeuta de que se responsabiliza em colaborar com o cliente nesse processo. Tudo isso acontece somente após ter ficado claro para ambos – terapeuta e cliente – o que se pretende com o processo terapêutico.

Na prática clínica infantil, compreendemos que a criança possui um Estado de Ego Adulto que está em desenvolvimento. A criança também se compromete, porém, o contrato com a criança será estabelecido respeitando sua capacidade, de acordo com a etapa do desenvolvimento na qual ela se encontra.

Sendo assim, a criança não poderá assumir a total responsabilidade pelo processo terapêutico sem que tenha o apoio dos pais. Os pais ficam cientes de que a criança precisará do comprometimento dos mesmos, sendo eles os principais responsáveis pelo estabelecimento do contrato de mudança.

Análise da relação entre Estados do Ego e Estilos Parentais

Os quatro estilos parentais utilizados nesse estudo foram identificados a partir de duas dimensões: exigência e responsividade. Essas duas dimensões podem ser identificadas no Estado do Ego Pai, de acordo com a Análise Transacional. A exigência é uma função de Pai Crítico e a responsividade, uma função de Pai Protetor. Utilizamos essas duas funções em nosso dia a dia para cuidar de nós mesmos e para cuidar dos outros. E isto é possível a partir do processo que, em Análise Transacional, foi denominado “parentalização”. A criança é exigida e respondida ao longo dos anos por seus pais e, ao longo do tempo, vai registrando em sua memória as condutas dos pais. Mais tarde, quando a criança internalizou estas condutas, é capaz de responder a si mesma de forma automática. Os pais já não precisam dizer “Vá escovar os dentes”, pois a criança ouve esse comando dentro de sua mente e passa a responder a si mesma.

Dusay (1973) expôs um modelo que descreve uma personalidade saudável. Nesse modelo os Estados de Ego funcionam com maior frequência no circuito positivo, tendo o Estado de Ego Adulto mais fortalecido, representando o executivo da personalidade, seguido pela Criança Livre e pelo Pai Protetor, e por último num nível inferior o Pai Crítico e a Criança Adaptada.

Este modelo é o que mais se aproxima do estilo parental autoritativo, em que os pais possibilitam bons níveis de responsividade e exigência aos filhos, favorecendo o desenvolvimento da autonomia. O conceito de autonomia pode ser definido como a habilidade para dirigir a própria vida, definir metas, sentimentos de competência e habilidade para regular as próprias ações (NOOM, 1999 apud REICHERT; WAGNER, 2007). Para Berne (1964), a obtenção da autonomia é manifestada pela liberação de três capacidades: consciência, espontaneidade e intimidade.

O Estado de Ego Pai dependerá da análise e supervisão do Estado de Ego Adulto para que possa alcançar um estilo parental autoritativo. A orientação de pais terá como objetivo fornecer informações atualizadas que facilitarão o processo de auto-supervisão dos pais frente à revisão de condutas inadequadas.

Uma mãe pode apresentar um estilo parental indulgente, que promove o cuidado e o suprir dos desejos dos filhos, oferecendo um alto nível de responsividade e indulgência, o qual pode levar à superproteção, um modo de funcionamento negativo do Pai Protetor. Porém, há um nível mais baixo de exigência, pois o Pai Crítico influencia muito pouco em sua personalidade limitando-a em relação à sua própria vontade e impedindo que ela consiga dizer

“não” quando necessário. O contrato a se propor a essa mãe seria o de aumentar o funcionamento do Pai Crítico. Por exemplo, durante uma semana, ela se manterá firme em negar ao filho um pedido que não possa ser concedido, mesmo que este chore ou discuta com ela.

Pais com estilo autoritário irão apresentar um Pai Crítico com nível elevado e um Pai Protetor com nível baixo. O contrato a ser estabelecido com esses pais será a busca pelo aumento da função protetora e uma revisão das condutas de disciplina rígidas e coercitivas com o intuito de agir com os filhos através do uso de estratégias de disciplina indutivas. Para desenvolver o afeto e a continência, podem-se fazer contratos como elogiar uma vez ou dar um abraço por dia no filho, brincar diariamente por 10 minutos com a criança ou ajudar diariamente com as tarefas escolares.

O modelo de personalidade de pais com estilo negligente poderia ser representado por pais que possuem uma frequência de funcionamento menor no Estado de Ego Pai. Ambos, Pai Crítico e Pai Protetor, estão rebaixados. Neste caso, os pais podem não apresentar interesse ou motivação em colaborar com a terapia, já que estão pouco envolvidos com as funções parentais. Uma medida bastante adequada nesses casos é o encaminhamento desses pais para uma psicoterapia individual. Assim, poderão cuidar de suas questões pessoais para que possam, no futuro, engajar no processo de psicoterapia dos filhos.

Considerações Finais

O estilo parental autoritativo é o mais adequado para o desenvolvimento saudável infantil. Pais que procuram auxílio psicoterápico na educação dos filhos tendem a apresentar condutas não autoritativas. Considerando essa análise, percebe-se que existem queixas comuns para filhos de pais autoritários, indulgentes e negligentes.

As dificuldades apresentadas por filhos de pais autoritários serão os comportamentos agressivos, agitação motora e impulsividade, ou então comportamentos passivos e pouca iniciativa, sendo comuns em ambos os casos a ansiedade, medos, auto-crítica elevada, baixa autoestima, dificuldades escolares, sintomas somáticos como sucção do polegar, roer unhas, enurese, dentre outros. Essas dificuldades estão associadas à combinação entre a desproteção e sentimento de menos-valia por receberem pouco afeto e reconhecimento dos pais e, por outro lado, punições, agressividade, críticas e cobranças elevadas.

Já as crianças que recebem uma educação por pais com estilo indulgente, diante da falta de regras e limites, tendem a apresentar sintomas como baixa tolerância à frustração,

rebeldia, agressividade verbal e física com as figuras parentais, condutas egoístas, autoconceito elevado, porém distante da realidade. Exercem controle em relação aos pais por meio de birras, manipulação, que podem aparecer através dos sintomas somáticos.

Crianças educadas por pais negligentes podem apresentar queixas como as acima citadas e podem apresentar queixas graves, tais como ansiedade de separação, depressão, transtornos de conduta, inversão de papéis – assumir o lugar dos progenitores –, condutas autoagressivas, furtos e roubos. Essas queixas apresentam-se como grito de socorro diante da negligência e do abuso físico e psicológico sofrido por essas crianças.

Diante dessas queixas, o desenvolvimento da autonomia dessas crianças será comprometido e, portanto, a aplicação dos contratos com os pais na psicoterapia infantil citados neste estudo tem mostrado um resultado favorável para a mudança dos quadros clínicos infantis.

Assim sendo, este estudo sugere que os estilos parentais podem ser identificados e explicados a partir do modelo funcional da personalidade de Berne. A aplicação desses conceitos na condução terapêutica de orientação dos pais na clínica infantil por meio do uso dos contratos terapêuticos pode possibilitar que pais autoritários, indulgentes e negligentes assumam condutas autoritativas. Por fim, a aplicabilidade desse estudo pode colaborar para o trabalho de psicoterapeutas clínicos que atuam na área infantil e familiar e pode servir como fonte para estudos sobre desenvolvimento, psicologia infantil e familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMRIND, D. Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, n. 37, p. 887-907, 1966.
- BERNE, E.. *Análise Transacional em Psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1961.
- _____. *O Que você diz Depois de Dizer Olá?* São Paulo: Nobel, 1998.
- CECCONELLO, A. M. *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- COSTA, F. T. da; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. *Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais*. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.13, n.3, p. 465-473, 2000.
- DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, n.113, p. 487-496, 1993.
- DUSAY, J. M. Os Egogramas e a “Hipótese de Constância”. *TAJ*, v.2, jul 1972.
- GOULDING, M.; GOULDIG, R. *Ajuda-te pela Análise Transacional*. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1991.
- JOINES, V.; STEWART, I. *TA Today: A New Introduction to Transactional Analysis*. Nottingham, England: Lifespace Publishing, 2000.
- KERTÉSZ, R. *Análise Transacional Ao Vivo*. São Paulo: Summus, 1987.
- MACCOBY, E.; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: E. M. Hetherington (Org.); P. H. Mussen (Org. Série). *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development*. 4. ed. New York: Wiley, 1983. p. 1-101. Volume 04.
- REICHERT, C. B.; WAGER A. Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *PSICO*, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 292-299, PUCRS, set./dez. 2007.
- STEINER, C. *Os Papéis que Vivemos na Vida*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.